

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p595>

GIORGI, Gabriel. 2014. *Formas comunes: animalidad, cultura, biopolítica*. Buenos Aires: Eterna Cadencia. 302 pp.

Felipe Magaldi

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Gabriel Giorgi faz parte de uma instigante nova geração de intelectuais latino-americanos destinada a pensar a contrapelo o pós-estruturalismo. O investigador argentino é mestre em Sociosemiótica pela Universidad Nacional de Córdoba e doutor em Spanish and Portuguese pela New York University, onde atualmente se desempenha como professor. Sua obra tem transitado, desde a última década, entre os campos da literatura, do gênero e da filosofia através de variadas publicações, tais como *Sueños de exterminio: homosexualidad y representación en la literatura argentina* (2004), da qual é autor, e *Excesos de vida: ensayos sobre biopolítica* (2007), em que foi co-editor.

Formas comunes: animalidad, cultura e biopolítica (também publicado em português pela editora Rocco, em 2016, sob o título *Formas Comuns: animalidade, literatura, biopolítica*), seu livro mais recente, se insere em uma extensa fortuna crítica que, desde os anos 1970, tem

reabilitado os potenciais do conceito foucaultiano de *biopolítica* para o estudo das relações entre corpo, vida e poder. Sua aposta reside na articulação entre algumas das principais questões desse campo de pesquisa – notadamente as que tratam do surgimento de práticas divisórias que, em virtude de raça, classe, gênero e sexualidade, estabelecem hierarquias entre corpos e formas de vida – e a temática da animalidade, que emerge no *zeitgeist* de falência do humanismo e de denúncia da separação entre natureza e cultura delineada no pensamento ocidental moderno.

O território privilegiado em que o autor se propõe a tecer seu fio de reflexão é a produção cultural latinoamericana (especialmente literatura, mas também cinema e artes visuais) a partir dos anos 1960. Giorgi se embasa na observação de que se a vida animal se constituiu historicamente como o “outro absoluto” do humano, aproximando-se apenas de seu filão “selvagem”, a mesma passa a ressurgir nos repertórios estéticos letrados da América Latina com uma nova roupagem. Anuncia-se, dessa vez, através de uma espécie de contiguidade – orgânica, afetiva, material e política – à vida humana, enovelando-se à temática do corpo e de seus desejos, doenças, paixões e afetos.

Assim, a partir da análise de materiais produzidos por artistas

heterogêneos, o autor se dedica a questionar em que medida a evocação da figura do animal é capaz de produzir deslocamentos nas matrizes de distinção entre vidas inteligíveis como "humanas" e "animais", e mais amplamente, entre vidas a "proteger" ou "futurizar" e vidas a "esquecer" ou "abandonar". A partir dessa trama, evidencia-se um jogo de distribuições em que o que conta como "pessoa" ou como "não-pessoa" (*sensu* Roberto Esposito) é a todo tempo instável e contingente, sendo passível de inversões, e mobilizando corpos de distintas – ou não tão distintas – naturezas.

Formas Comunes é dividido em cinco partes, permeadas de sete capítulos. Na introdução, Giorgi já anuncia suas hipóteses fundamentais, afirmando que o efeito das produções que deslocam a figura do animal do marco de uma natureza intangível é o de iluminar as políticas que inscrevem e classificam corpos sobre ordenamentos hierárquicos, assim como as economias da vida e da morte que produzem esses corpos, atribuindo para eles lugares e sentidos em um mapa social. Desta forma, o autor desnuda linhas de interseção entre cultura e biopolítica, redefinidoras dos próprios limites destas searas, nas quais a imaginação do animal (mais que sua "representação") opera como um artefato de contestação da ontologia humanista e de seus marcos de inteligibilidade.

A primeira parte da obra, intitulada "La Rebelión Animal", inclui uma imersão no conto "Meu Tio o Iauaretê" (1950), do escritor brasileiro Guimarães Rosa (cap. 1). O texto trata do encontro entre um narrador sertanejo, mestiço e pobre e um interlocutor proveniente do mundo urbano e letrado. Giorgi descreve o primeiro personagem, empregado por fazendeiros locais para exterminar onças, como uma figura sem lugar na ordem estabelecida, abrigando linhas de indeterminação a partir das quais se abrem modos possíveis de resistência e de devir-animal (no sentido deleuzoguattariano). O pesquisador não lê na interação entre o narrador e seu interlocutor a produção de síntese, mas de ininteligibilidade recíproca. Entretanto, reconhece sua potência na capacidade de desterritorializar a um só tempo a ordem modernocapitalista e a indígena, assim como a distinção entre humanos e não humanos, sugerindo a possibilidade de "um comum não humanista" que permite pensar a biopolítica como cosmopolítica (*sensu* Viveiros de Castro).

A segunda parte da obra, chamada "Una Nueva Proximidad: Las Casas, Los Mataderos, El Pueblo", conta com três capítulos. Seu primeiro segmento (cap. 2) se detém principalmente sobre outro texto brasileiro, o romance *A Paixão segundo G. H.* (1964), de Clarice Lispector.

Trata-se agora do ambiente doméstico de um apartamento carioca, no qual a vida de uma mulher burguesa e de sua empregada Janair é afetada pela irrupção de uma barata. Giorgi descreve a aproximação narrativa que se estabelece entre o inseto e a empregada no *continuum* biopolítico dos corpos. Entretanto, esta não é sustentada em termos antropogênicos, isto é, a partir de uma *humanitas* que se estende a outros entes, mas sim no registro inverso de um vivente que excede os limites do humano. Concomitantemente, a fisiologia da barata é debulhada até se abrir a uma interioridade abismal, um "plasma" onde Giorgi encontra uma concepção de vida como pura zona de passagem, questionando os próprios limites do corpo como princípio de individualização, em referência a Simondon.

O segmento subsequente (cap. 3) parte de uma temática particular – qual seja, a da importância dos matadouros para a cultura popular argentina do século XX – e a partir de então se move por textos distintos, com destaque para *El matadero* (2009), de Martín Kohan, que trata do abismo ético despertado em um motorista de caminhão ao descobrir um carregamento de animais a caminho do abatedouro; e *Bajo este sol tremendo* (2009), de Carlos Busqued, que consiste em um relato sobre violência e sequestros entre Córdoba e o Chaco cuja narrativa é saturada de animais mortos. Giorgi encontra nessas produções, que chama de "ma-

tadouros da cultura", o fracasso da função política de separar a morte da vida e o animal do humano através de uma rígida demarcação. Assim, lê nesses textos o questionamento das operações que, sob o signo do capital, envolvem corpos de animais e de trabalhadores em relações de exploração econômica, tornando-os mercadoria.

O terceiro segmento da segunda parte (cap. 4) segue no campo literário argentino, tratando sobretudo de Osvaldo Lamborghini e seu primeiro texto, "El Fjord" (1969). Trata-se de um conto que, no contexto do movimento peronista nos anos 1960, é habitado por criaturas "degeneradas", figuras *contra natura* engajadas em orgias, assassinatos e canibalismo, aproximando o povo da animalidade. Giorgi sustenta que a potência desse conteúdo narrativo, criador de um mundo de paixões insaciáveis, é inscrever corpos que escapam à representação no universo do Estado. Dita inscrição, no entanto, revela-se ao fim e ao cabo impossível e incontrolável. Evidencia-se assim uma reinscrição da ordem biopolítica sob o signo de sua falha, a um só tempo mantendo e borrando as fronteiras concebidas por Agamben entre *bios* e *zoé*.

"Series", a terceira parte, toma em seu primeiro segmento (cap. 5) a relação entre morte e imaginação política na América Latina. Para tanto, refere-se a obras como o romance *2666* (2004), do chileno Robert Bo-

laño, que trata do desaparecimento de cadáveres de mulheres em uma cidade fictícia inspirada em Ciudad Juárez; o documentário *Nostalgia de la Luz* (2010), do também chileno Patricio Guzmán, ambientado no deserto do Atacama, que cruza observatórios astronômicos e resquícios mortais de indígenas, mineiros e desaparecidos políticos; e instalações diversas da artista mexicana Teresa Margolles, que incluem restos de cenas de crimes ligados à guerra contra as drogas em seu país de origem. Em comum, nesses trabalhos reside a materialidade dos restos corporais como terreno de contestação dos regimes que os marcam. Articula-se, assim, a biopolítica à *tanatopolítica*, entendida como seu reverso sistemático e complementar, na qual se produz, em escala massiva, corpos sem pessoa e pessoas sem corpo.

O segundo segmento dessa parte (cap. 6) opera no cruzamento entre corpos, sexualidades, desejos não normativos e animalidade. Primeiramente, Giorgi recorre ao livro *El Beso de La Mujer Araña*, do argentino Manuel Puig (1976), que narra o relacionamento de um preso político com seu companheiro de cela homossexual, perpassado pela figura da mulher-animal presente no filme *Cat People* (1942), de Jacques Tourneur. Na sequência, transita por textos diversos da obra de João Gilberto Noll, cujos personagens são descritos como "figuras acéfalas", de uma existência marcada por memó-

ria e identidade difusas, tensionando o próprio estatuto do humano como sujeito de enunciação. Finalmente, cita *Misales*, da escritora uruguaia Marosa di Giorgio, que constrói, em cenas rurais, a descoberta da sexualidade de mulheres atravessada pelo testemunho de animais. Giorgi não enxerga nessas interseções um somatório de diferenças, mas a reinvenção do comum entre os corpos.

A quarta parte, "La Rebelión Animal (2)", evoca *La Ciudad de Las Ratas* (1979), do escritor argentino Copi (cap. 7), que tematiza uma rebelião contra humanos protagonizada por ratos parisienses. A tensão entre os mundos de cada uma dessas espécies, longe de apresentar-se como excludente, afigura-se antes como um tráfico permanente, constituindo uma zona irreduzível ao ordenamento e à lei. Nesse contexto, sustenta Giorgi, a distinção entre cidadão e não cidadão conta mais que aquela entre humano e animal.

"Coda", a quinta e última parte da obra, condensa os efeitos produzidos pela incursão nos conteúdos trabalhados ao longo do livro. O autor aponta para a diluição da coincidência entre indivíduo e corpo individuado – implicando que não há corpo que não seja multiplicidade, seja ele demarcado como humano ou não humano – e para a relação entre vida e propriedade – instilando que todo corpo se faz visível sob o cálculo do capital – como suas principais sugestões.

Com *Formas comunes*, Giorgi produz um curioso cruzamento entre *animalidade, cultura e biopolítica* no qual estes próprios conceitos são incessantemente deslocados, em homologia aos próprios fenômenos que se propõem a descrever. Seu *corpus* empírico, mais do que meramente ilustrativo, é tomado em seu caráter produtivo. Distanciando-se de leituras que buscam produzir sínteses niveladoras, e ao mesmo tempo sem descartar categorias supostamente essencialistas, como *cultura* e *América Latina*, o autor encontra um caminho no qual é possível conhecer sem dispersar nem reduzir. Trata-se, portanto, de um exercício contagiante, acessível mesmo para leitores que desconheçam previamente seu material analítico, transitando com maestria entre a filosofia, as artes e as ciências humanas.

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p599>

“Coleção Aulas Inaugurais”. 2016. Projeto Nova Cartografia Social. Edição Alfredo Wagner Berno de Almeida. Organização: Patrícia Maria Portela Nunes, Maria Consolação Lucinda, Cynthia Carvalho Martins, Camila do Valle e Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rio de Janeiro/ São Luís: Casa 8.

Rita de Cássia Melo Santos

Professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil

Formulada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia da Universidade Estadual do Maranhão (PPGCSPA-Uema), a “Coleção Aulas Inaugurais” constitui uma iniciativa pedagógica inovadora no âmbito do ensino da pós-graduação no país. Ao conjugar as aulas inaugurais propriamente ditas com o memorial dos seus autores, a coleção amplia suas possibilidades de leitura e permite aos estudantes uma dupla aproximação com a pesquisa e a trajetória institucional e pessoal de pesquisadores estabelecidos. A leitura das aulas possibilita a introdução aos temas das ciências sociais, a releitura de trabalhos consagrados e a interposição de novas questões a pesquisas concluídas, enquanto o memorial proporciona uma leitura transversal do campo científico por meio de suas redes de relações políticas, sociais e afetivas estabelecidas ao longo do tempo. A interlocução entre a aula inaugural e o memorial constitui a possibilidade da leitura crítica da produção acadêmica, das circunstâncias sociopolíticas e do campo científico por meio do qual esses autores constituíram seus trabalhos e instituições.

Fundado em 2013, o PPGCSPA-Uema foi um desdobramento das ações de pesquisa e ensino realizadas pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) e pelo Grupo de Estudos Socioeconômicos da Amazônia (Gesea). Voltada para